A VERDADE SOBRE NÓS

AMANDA GRACE

A verdade sobre nós

TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI

intrínseca

Copyright © 2013 by Amanda Grace
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
The Truth About You and Me

PREPARAÇÃO
Ângelo Lessa

COPIDESQUE
Marcela de Oliveira

REVISÃO
Carolina Rodrigues
Eduardo Carneiro

DIAGRAMAÇÃO
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G75v

Grace, Amanda
A verdade sobre nós / Amanda Grace ; tradução Regiane Winarski. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.

208 p. ; 21 cm.
Tradução de: The truth about you and me
ISBN 978-85-8057-537-8

1. Ficção americana. I. Winarski, Regiane. II. Título.

14-11365

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para a mesa das crianças:
Bree Ogden, Gordon Warnock,
Kristin Miller-Vincent e Vickie Motter.
Porque só quando estamos juntos
me sinto uma garota descolada.

Querido Bennett,

É possível que você não leia isto, mas talvez *eles* leiam, o que pode ajudá-lo. Esta carta não pode fazer nada por *nós*, porque não existe nós… não mais.

Só em dizer isso fico sem ar.

Espero que, *de alguma forma*, você encontre forças para ler isto até o fim, até a última palavra, pois talvez, caso se lembre de como as coisas aconteceram… se vir tudo como eu vejo… não consiga me odiar.

Você nunca disse que me odiava, mas não consigo deixar de pensar que talvez odeie, considerando o que fiz, em que o levei a acreditar.

No entanto, foi necessário. Tive que mentir porque precisava de você, e, se você soubesse a verdade, jamais teria movimentado as engrenagens, não teria dado início a algo como dois trens disparando pelos trilhos.

A batida era inevitável, porque eu não era quem você pensava que eu fosse.

Ainda estou a dois anos de ser.

Essas mentiras e meias verdades iniciaram algo que o arruinou, e sei que não é capaz de me perdoar, mas quero que se lembre de

mim da maneira certa, de como tudo *realmente* aconteceu, e não da forma feia como tentarão fazer com que pareça.

Então, para você, para mim, para *eles*, aqui está:

A verdade sobre nós.

*

Naquele dia, quando entrei em sua sala de aula, eu estava uma pilha de nervos. Talvez seja clichê ficar nervosa ao começar em um colégio novo, mas não era um colégio novo qualquer.

Era a faculdade.

Eu me sentia uma criança. E a parte triste disso tudo é que, de acordo com a polícia, é isso mesmo que sou. Então, talvez eu devesse ter dado ouvidos a meus instintos. Se tivesse agido da forma como me sentia, você saberia a verdade. Teria percebido a um quilômetro de distância e ficaria mexendo em seu MacBook sem me olhar nos olhos e sorrir daquele jeito que faz seus calorosos olhos azuis se apertarem.

Mas não agi da forma como me sentia. Ergui a cabeça, estiquei a coluna, passei pela porta e entrei na sala. Já estava nervosa antes, e, quando nossos olhos se encontraram, o frio na barriga se tornou uma nevasca. Eu me virei e fui até a fileira de trás para que você não me visse enrubescer. Encontrei um lugar ao lado de uma garota alta e bonita, cujos olhos castanhos e exóticos pareciam naturalmente ardentes e sensuais.

Nunca vou entender por que você reparou em mim, com uma garota como aquela sentada a meu lado. Passei a vida toda sendo invisível por causa de garotas assim. Garotas que destilam o tipo de sensualidade que não consigo fingir nem em frente ao espelho do banheiro.

Mas talvez o mundo real seja diferente. Não vi o bastante para ter certeza. Com certeza parecia diferente quando estávamos juntos.

A aula era de biologia, mas você já sabe disso. Acho que preciso escrever também esse tipo de coisa para *eles*, para que saibam a verdade. Você terá que me perdoar por eu dizer o que já sabe.

Eu era boa em biologia. Muito boa. Não gostava da matéria tanto quanto de leituras como *O morro dos ventos uivantes* e Shakespeare, mas, para mim, era fácil como escovar os dentes.

Matemática também. Sabia que fiz prova de cálculo sem nunca ter cumprido os pré-requisitos? Pulei pré-cálculo. Acho que por isso meus pais confiavam tanto em mim na época. É fácil confiar em uma garota inteligente.

Garotas inteligentes não deveriam fazer coisas estúpidas.

O dia estava lindo. O sol do fim de setembro atravessava a folhagem das árvores enormes do *campus* e tingia a superfície de minha nova carteira quando me joguei no assento e peguei um caderno de espiral novinho. Minha mãe não ficou muito feliz ao descobrir que o material escolar e os livros custaram mais de trezentos dólares, mas pelo menos não tínhamos que pagar a mensalidade. Isso ficava por conta da Enumclaw High School, como parte do programa Running Start. Eles bancavam todas as minhas aulas na Green River Community College, que é uma faculdade que você frequenta antes de entrar na universidade propriamente, e eu só precisava manter a média C. Conseguiria créditos da faculdade e do ensino médio ao mesmo tempo.

Talvez alguém já tenha lhe explicado tudo isso agora. Provavelmente já mencionaram, mas talvez você não tenha prestado atenção, não tenha parado para pensar no assunto. Aposto que agora pensa.

Enquanto eu destampava minha caneta roxa fofa — algo que parece tão imaturo agora —, você se levantou da cadeira de couro e foi até o centro da sala dando apenas alguns passos com essas suas longas pernas.

De cara, gostei da organização da turma; as carteiras estavam distribuídas em um semicírculo, de forma que você podia ir até o centro, e todos ficávamos ao redor enquanto você falava, sorria e gesticulava com suas mãos perfeitas, ásperas só o suficiente para serem masculinas.

— Bem-vindos à Biologia 1 — disse você, e, apesar de não haver nada de especial nas palavras, a forma como falou fez diferença. Era como se nos dissesse que estávamos sendo convidados para algo extraordinário.

Não sei se foi amor à primeira vista. Você acredita nisso, em amor à primeira vista? Queria ter feito essa pergunta semanas atrás, quando tive oportunidade. Queria ter feito essa pergunta dias atrás, quando estávamos um nos braços do outro.

Provavelmente não poderei mais lhe fazer pergunta alguma, e talvez você não respondesse, mesmo se eu as fizesse. É provável que você também tenha muitas perguntas.

Você sorriu ao entregar a ementa e ao escrever seu nome no quadro branco — *Sr. Cartwright* — com uma letra masculina, mas sem ser feia, perfeita. O nome pareceu britânico.

Sabia que você parece britânico? Seu rosto tem aquele aspecto afilado e austero, já com uma leve barba por fazer às nove da manhã, e seu nariz marcante tem uma ligeira protuberância no meio, como se, no passado, um cara qualquer em um pub tivesse lhe dado um soco.

Agora sei que não é verdade, mas naquele primeiro dia eu o imaginei bebendo uma caneca de cerveja em algum lugar do Reino Unido, usando um paletó com cotovelos de couro. Acho que teria feito mais sentido se você fosse um professor britânico. Mas você parecia um conhecedor do mundo, e foi essa a imagem que minha mente criou.

Para mim, aos dezesseis anos, até a imagem de você bebendo uma caneca gelada de Budweiser no bar fora do *campus* era exótica. Era mais comum ver os caras do meu colégio — do *ensino médio* — se empurrando em frente à máquina de refrigerante.

Quando a última ementa foi posta diante de mim — impressa em um papel verde-claro —, eu a guardei no fichário e levantei o

olhar enquanto você diminuía a luz e iniciava a apresentação em PowerPoint.

Quando baixou a cabeça na direção do MacBook, a garota sentada a meu lado se inclinou. O leve aroma do perfume e do laquê dela chegou até mim.

— Ele é bonitinho — sussurrou, curvando os lábios de uma forma diabólica e confiante.

Corei, como se, de alguma forma, ela soubesse que eu estava pensando a mesma coisa.

— Quantos anos acha que ele tem? — perguntei baixinho.

Ela cerrou os olhos e o observou por um momento, e quase desejei não ter perguntado, porque não queria que ela olhasse para você. Acho que isso é estranho, o fato de eu já sentir uma leve pontada de possessividade, mas não é tão diferente de olhar os caras no refeitório. Existe um código entre meninas que diz que não se pode ir atrás de um garoto se uma amiga também tiver uma queda por ele, e com você… isso não seria muito difícil de acontecer.

— Vinte e quatro? Vinte e cinco, talvez? Talvez um pouco mais...

Então você olhou para nós como se tivesse ouvido toda a conversa. Mas sei que era impossível. Ela pareceu não se importar de você nos pegar sussurrando, e você não disse nada quando passou os olhos por mim e fez um calor percorrer meu corpo inteiro. Depois afastou o olhar, andou até a frente e puxou uma grande tela branca, e as palavras *Composição Celular* piscaram.

— Meu nome é Katie — disse a garota, esticando a mão. Suas unhas eram bonitas, pintadas de rosa-claro, mas bem curtas.

Eu a cumprimentei.

— Madelyn — respondi.

— Nome bonito.

Ela sorriu, virou-se e olhou para você. Eu queria dizer que ela sim era bonita, mas tive a sensação de que Katie ouvia isso o tempo todo.

— A maior parte desta unidade repetirá o que vocês aprenderam em biologia no ensino médio, mas é a base para o que vem depois. Então, vamos abordar o assunto para relembrar antes de seguirmos em frente — comentou você.

Mas eu não precisava relembrar. Alunos do ensino médio fazem biologia no segundo ano, o que, para mim, foi no ano passado. Para todas as outras pessoas, havia sido uns três anos atrás.

Você olhou de novo para a tela e apertou um botão do pequeno controle remoto, e o diagrama de uma célula apareceu. Quando falou com entusiasmo a respeito da mitocôndria e do núcleo movendo as mãos para todos os lados, foi poético. Uma ou duas vezes você passou a mão pelo cabelo castanho desgrenhado, bagunçando uma parte. Ficou desarrumado, mas de um jeito bom, natural.

Você estava certo. Todo o assunto da aula era familiar. Então eu me permiti sonhar acordada enquanto você falava, vendo seus lábios se moverem, mas sem ouvir as palavras. As duas horas passaram, e você estava fechando o MacBook. Fiquei chocada por ter acabado tão rápido, por ter me perdido tanto em pensamentos.

— Amanhã será nosso primeiro dia no laboratório — comentou você. — No 3A, do outro lado do pátio. Vejo todos vocês lá às nove em ponto.

Carteiras estalaram, cadeiras rangeram e pés se moveram. Todos já estavam quase na porta antes mesmo de eu guardar as coisas, ainda piscando e tentando sair do estupor. Pensei em um milhão de coisas, e nenhuma delas tinha relação com diagramas de células. Até mesmo Katie saiu antes que eu dissesse alguma coisa, o quadril balançando e as sapatilhas básicas e estilosas fazendo barulho no piso de cerâmica.

Acho que foi por ter sido a última a sair que você reparou em mim, me olhou de verdade, com um sorriso, franzindo o canto da boca, de um jeito tão atraente que me fez perder o fôlego.

— Tudo bem até agora? — perguntou você enquanto ajeitava a pulseira prateada do relógio e eu seguia em direção à porta.

Enrubesci por um segundo, até perceber que estava sendo boba.

— É, acho que consigo acompanhar.

Parei diante da porta, e uma mecha comprida e embaraçada de meu cabelo ondulado e louro-escuro escorregou para a frente, por cima do ombro. Por uma fração de segundo, seus olhos a acompanharam, antes de você voltar a olhar para o computador.

Você fitou o símbolo da maçã no MacBook fechado sem piscar, e não entendi muito bem o que havia acabado de acontecer.

Mas agora sei. Sei que você estava se repreendendo por deixar os olhos irem aonde não deveriam.

Sei que, quando *eles* lerem isto, talvez pensem que você planejou tudo, que sente atração por menores. Mas espero que lembrem que estávamos em um *campus* de faculdade e que você achava que eu tinha dezoito ou dezenove anos, a idade de todos os outros.

Você se irritou consigo mesmo por causa daquele olhar de um quarto de segundo para uma aluna porque não foi profissional.

Não por achar que eu era menor. Você não sabia.

Você não sabia.

— Ótimo — comentou você, os olhos ainda voltados para aquela maçã mordida.

Será que, naquela hora, você pensou na ironia? Que, evitando olhar para mim, estava olhando para o fruto proibido? Porque, embora você achasse que eu tinha dezoito anos, ainda assim eu era proibida. Alunos e professores não podem se relacionar.

Eu não sabia de nada disso. Só achei que havia ficado constrangido. Mas você voltou a me encarar com olhos delicados, calorosos, convidativos.

— Espero que goste de minha aula, senhorita…

— Hawkins. Mas pode me chamar de Madelyn.

— Bem, nesse caso, pode me chamar de sr. Cartwright — disse você em tom de brincadeira, com os lábios se curvando o bastante para revelar um dente esquisito.

Seu sorriso era meio torto. A coisa toda era tão incompatível com seu ar sofisticado que me pegou desprevenida.

Eu ri, e não foi uma gargalhada bonita, mas uma risada feia como um latido, que me deixaria envergonhada pelo restante do dia.

Fiquei ali por tempo demais, até que a situação se tornou constrangedora. Então, percebi que você estava esperando que eu saísse, ou pelo menos fizesse alguma pergunta.

— Tudo bem, então. Tchau, sr. Cartwright. Até amanhã — despedi-me, finalmente passando pela porta assim que os primeiros alunos de sua aula seguinte começaram a entrar, trazendo consigo um zumbido de vozes.

— Tchau. Até amanhã — respondeu você.

Eu queria ouvi-lo dizer meu nome — apenas Madelyn, não srta. Hawkins —, mas isso aconteceu somente no segundo dia.